
CENOGRAFIA DISCURSIVA – A PRESENÇA DOS DÊITICOS*

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES**

RESUMO

Neste estudo, seguindo orientações teóricas de Maingueneau (1993, 1995), a partir da observação dos elementos dêiticos empregados em entrevistas realizadas em junho de 1996, em uma empresa multinacional situada no Estado de São Paulo, realizou-se uma análise da cenografia discursiva no discurso dos entrevistados.

Ao observar a cenografia discursiva, ressaltou-se a constituição de cada um dos sujeitos, pois é no presente da enunciação que o sujeito, constituído por um processo de interação, manifesta-se. Destacam-se, assim, dados empíricos que são enunciados, lugares e tempo que integram o discurso na produção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Dêiticos, entrevistas, análise do discurso.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste estudo, focalizam-se entrevistas¹ realizadas em junho de 1996, em uma empresa multinacional situada no Estado de São Paulo, com os membros do Conselho Editorial (CE) do jornal da empresa (*house*

* O presente estudo foi realizado como requisito parcial para obtenção de créditos no curso *Questões de teoria e análise do discurso: cenografia discursiva e produção de sentido*, ministrado pelas professoras Dra. Maria Cecília Pérez de Souza e Silva e Dra. Elisabeth Brait, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da USP, durante o primeiro semestre de 1997. Foi apresentado no IV Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal, na UnB, em 23 de abril de 1999.

** Professor de Língua Portuguesa e Linguística no Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre e Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pela USP.

organ). As entrevistas, cujos objetivos, segundo Bastos (1997), foram esclarecidos em reunião com o CE, buscam colher informações sobre a produção, a distribuição e a recepção do *house organ*.

Analisar-se-á especificamente, neste estudo, a presença de dêiticos empregados nas respostas dadas pelos entrevistados, procurando evidenciar a cenografia discursiva como parte integrante do discurso. O *corpus* será limitado às respostas dadas à segunda pergunta – “Você poderia relatar como tem sido a sua experiência no CE?” –, por quatro dos primeiros entrevistados, a saber: LUC, GIL, ROS, ELI. A análise será respaldada em pressupostos teóricos apresentados por Maingueneau (1993, 1995). Durante o desenvolvimento da análise, serão destacados os dêiticos, em especial os espaciais e temporais, presentes no discurso dos entrevistados para evidenciar a cenografia discursiva. Conforme observou Fernandes (1999), essas categorias lingüísticas possibilitam, no discurso, situar o sujeito em diferentes espaços (físicos e sociais) e tempos que constituem a cena enunciativa evidenciando-lhe a heterogeneidade constitutiva.

Os dados apresentados por cada entrevistado serão abordados separadamente, obedecendo-se à seqüência das entrevistas. Em um momento inicial, serão apresentados os pressupostos teóricos norteadores do estudo para, em seguida, proceder-se à análise dos dados e à apresentação dos resultados.

2. O CONCEITO DE CENOGRAFIA DISCURSIVA

Segundo Maingueneau (1993), a linguagem, na perspectiva pragmática, é uma forma de ação. Todo ato de fala reúne condições específicas exigidas para sua realização e é realizado por alguém que está habilitado a fazer; pressupõe-se, assim, uma instituição que garante a validade e o sentido de cada um dos atos no exercício do discurso. “Logo, um sujeito ao enunciar pressupõe uma espécie de ritual social da

linguagem implícito, partilhado pelos interlocutores” (p. 30). Nessa perspectiva, ao fazer uso da língua, por meio do discurso, os sujeitos interlocutores representam papéis aceitos e partilhados em um processo de interação concernente à vida social.

O locutor se inscreve no tempo e no espaço de seu interlocutor, conferindo credibilidade às enunciações. Durante a enunciação, o locutor, ao assumir um espaço determinado, acredita que seus interlocutores o vêem naquele lugar de onde fala. O discurso é, portanto, indissociável da cronografia e topografia do momento da enunciação. A cena enunciativa engloba esses elementos que se evidenciam na dêixis, visto que no ato de enunciação há um conjunto de referências articuladas na presença dos interlocutores, do lugar e do tempo. Nessa perspectiva, Maingueneau (1995) denomina cenografia a situação que “define as condições de enunciador e co-enunciador, mas também o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) a partir dos quais se desenvolve a enunciação”.

A topografia e a cronografia apresentam-se como partes integrantes do discurso e possibilitam uma noção do conceito de “cenografia discursiva”, tanto é certo que na montagem de uma cena teatral – considerada como representação da realidade – vários elementos são colocados para a constituição do cenário. Todos são distribuídos no espaço onde os atores irão atuar em momentos específicos e cada elemento incluído, bem como a ocupação do espaço pelos corpos dos atores, têm uma finalidade comunicativa. Nesse sentido, analisar o discurso implica analisar a enunciação considerando a cenografia como uma de suas partes integrantes, não como realidade exterior ao discurso.

Colocar a cronografia e a topografia como realidades exteriores ao discurso, como “pano de fundo” para a enunciação, conforme fazem alguns estudiosos, implicaria uma análise dos enunciados, considerando apenas o “dito”, dissociado do “dizer”. Realizar-se-ia uma análise dos enunciados como um produto concreto, encerrado em si.

Esses aspectos discursivos podem ser evidenciados pela presença dos dêiticos espaciais e temporais. Os primeiros são interpretados observando-se a posição que o corpo do locutor ocupa. Tem-se uma localização absoluta (lugar determinado em que se encontra) e uma localização contextual (“que se apóia em um elemento do contexto lingüístico”). Esses dêiticos aparecem no discurso como determinantes nominais (demonstrativos) ou como advérbios; evidenciam-se pelas informações fornecidas pelo contexto, tendo em vista a localização do corpo do locutor. Os segundos originam-se no momento em que o locutor fala, “momento que corresponde ao presente lingüístico”. Encontram-se também no discurso as localizações temporais absolutas (data ou momento específico) e as “que se apóiam em uma referência para que sejam interpretadas”. No discurso, esses dêiticos podem ser categorizados como advérbios ou como um grupo proposicional.

3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas realizadas com os membros do CE do *house organ* da multinacional em questão tinham como objetivo, por um lado, atender a interesses da empresa visando melhorar a produção e distribuição do jornal na perspectiva dos interesses dos leitores e, por outro lado, atender a interesses da Universidade, que buscava discursos materializados na oralidade sob a forma de textos, como material para estudos lingüísticos.

A pergunta aqui selecionada – *como tem sido sua experiência no CE?* – é direcionada à experiência pessoal de cada um dos entrevistados; espera-se, portanto, como resposta um relato pessoal.

Nesse sentido, ao respondê-la, o sujeito-enunciador – entrevistado – deverá expor sua experiência partindo do “eu”. Para tanto, retroagirá no tempo e no espaço, percorrendo, em retrospectiva, o caminho de sua constituição como o sujeito do momento presente da entrevista: um sujeito situado em um tempo e em um espaço histórico-sociais específicos. O

tempo e o espaço serão elementos não exteriores ao discurso, mas partes integrantes do discurso, conforme discute Maingueneau (1993).

Nessa perspectiva, observe-se o seguinte fragmento da entrevista de LUC:

Fragmento 1

Olha minha experiência tem sido muito boa mesmo... eu tô no jornal faz um ano e alguma coisa... eu vim de outra área né?... (...) aí na época que eu vim o jornal ele já tinha esse comitê mas o comitê tava um pouquinho menor tinha menos gente naquela época né? menos pessoas... então a gente/eu consegui... éh dá uma puxada pra crescê um pouquinho pra... as pessoas aumentarem/por exemplo pegá pessoas de outras áreas como ambulatório relações trabalhistas... também com o auxílio de outras pessoas...

LUC – o primeiro entrevistado – inicia sua resposta utilizando-se do pronome possessivo de primeira pessoa *minha*; procura, pois, limitar-se ao seu ponto de vista. Continua remetendo-se à indicação de tempo utilizando-se de primeira pessoa: *eu*. Em seguida, imediatamente, refere-se a um lugar que remete à função desempenhada na empresa sem, contudo, especificá-la: *outra área*.

Segundo dados apreendidos do discurso, materializado em forma de texto, LUC chegou ao CE quando o jornal era menor: *na época qui eu vim...* Evidencia-se a presença de elementos lingüísticos no discurso que, além de situarem o enunciador no tempo e no espaço, demonstram um processo de interação desse sujeito com sujeitos de outras áreas. Nesse momento da entrevista, o entrevistado utiliza-se da forma pronominal indefinida *a gente*, categoria lingüística que tem a função de “universalizar”, eliminando-se, assim, a especificação de um sujeito entre os demais. Neste *a gente* empregado por LUC, há um nós implícito que engloba o Conselho Editorial. Tem-se, dessa maneira, a presença de vários *eus* em um *eu*. Esse caráter generalizante no discurso sofre uma interrupção de maneira brusca. A forma lingüística *a gente* é

imediatamente substituída pelo pronome pessoal *eu* que exerce a função de especificar um sujeito entre outros (*a gente/eu*). Esta retomada do uso da primeira pessoa justifica-se pelo direcionamento dado pela pergunta apresentada pelo entrevistador, através da qual se pede “o relato da *sua* experiência”.

Nas respostas apresentadas, a presença da dêixis situa o enunciador empiricamente no tempo e no espaço. Assim, LUC apresenta-se como sujeito em vários momentos. Seu discurso é repleto de elementos dêíticos, numa alternância de indicação de tempo e de espaço. Nesse sentido, no fragmento supracitado destacam-se: “eu tô no jornal faz um ano”; “eu vim de uma outra área”; “naquela época né”. No fragmento 2, abaixo, os termos destacados exercem a mesma função.

Fragmento 2

na verdade... quando eu vim pro treinamento a pessoa que estava no meu lugar... ahn... foi embora né até do país i::... i ela cuidava do jornal... então automaticamente como eu vim substituí algumas coisas dela i algumas da outra menina eu fiquei... com a parte do jornal... (...) é entrei assim assim... como se fosse minha tarefa não que foi uma coisa que foi... éh... voluntária na época né?

Esses elementos dêíticos presentes no discurso evidenciam também a heterogeneidade do enunciador, sua fragmentação como sujeito. Há um LUC antes e um LUC do presente da entrevista constituído por processos de interação ininterrupta: “É entrei assim... como se fosse (...) não voluntária na época né?”; “mas nossa (...) então tem sido uma experiência ótima”.

No desenrolar da entrevista, ao efetuar a referência a si, LUC passa a utilizar elementos lingüísticos de caráter universal, ou seja, emprega categorias lingüísticas que não especificam um sujeito social entre os demais.² São categorias que podem ser empregadas para fazer referência a toda e qualquer pessoa em todo e qualquer momento. Nesse sentido, há um elenco de elementos lingüísticos que não evidenciam o *status* de LUC entre os demais membros do CE. Para efetuar a referência

à primeira pessoa, encontram-se, no lugar de *eu* e *meu*, categorias lingüísticas como *a gente*, conforme pode ser observado no fragmento 3, abaixo.

Fragmento 3

mas a minha função é assim dentro das reuniões é a mesma di todos qui é a gente tá fazendo as matérias nas reuniões de pauta... pelas pessoas que procuram a gente ou por acontecimentos qui a gente tá vendo qui são... os *big* eventos né?

As respostas apresentadas por LUC iniciam-se, em um primeiro momento, direcionadas pela elaboração da pergunta. Quando se pede um relato de experiência pessoal, o inquirido tende a voltar-se para si, havendo, portanto, um centramento no eu. No início da entrevista, o entrevistado mantém-se preso a este aspecto; no entanto, ocorre um descentramento do eu, prevalecendo o uso de elementos lingüísticos que caracterizam generalização, ou seja, englobam o conjunto dos sujeitos que partilham da mesma atividade.

O segundo entrevistado, GIL, assim como LUC, ao ser interrogado, inicia a resposta valendo-se do pronome pessoal *eu*, como se pode notar com a leitura do fragmento seguinte.

Fragmento 4

ah tem sido bastante ahn... produtiva... pra mim eu comecei... há (três) anos atrás eu tô eu eu eu tenho nove anos de empresa... cinco anos na na linha de produção... eu era técnico consertava máquina e quatro anos eu tô na parte administrativa... e eu tô há três anos no Comitê... então éh éh pra mim foi muito importante porque até me ajudou na integração junto à administração...

Esse entrevistado faz uma retrospectiva no tempo e remete-se a funções exercidas anteriormente, o que implica a presença de outros *eus* no discurso, evidenciando-lhe certa fragmentação social.

Nessa acepção, destacam-se: “eu era técnico...”; “eu tô na parte administrativa”; “eu tô (...) no comitê”. Tem-se aí o desdobramento de um *eu* em vários *eus*, todos marcados por uma delimitação de tempo, ou seja, a cronografia apresenta-se como elemento integrante do discurso.

Enfatizando a experiência pessoal, que pode ser explicitada através da análise dos dêiticos empregados (neste caso, pronomes de primeira pessoa), GIL afirma que sua participação no CE contribui para uma melhor interação na empresa.

Além da presença de dêiticos que caracterizam a cronografia no discurso, há a utilização da dêixis para marcar a topografia. Em um primeiro momento, encontra-se, no discurso de GIL, referência ao lugar em que se situa de uma maneira mais genérica: a empresa; posteriormente, refere-se a setores dentro da empresa, sem, contudo, especificá-los. Esses fatores explicitam a interação do entrevistado na empresa.

Utilizando-se da primeira pessoa, o enunciador descreve sua interação na empresa e sua constituição como o sujeito do presente da entrevista. Em seu discurso, prevalece o emprego dos pronomes de primeira pessoa *eu* e *minha* intercalados pelo uso do pronome de terceira pessoa *você*. Esta última categoria lingüística, no discurso de GIL, tem a função de generalizar sua experiência no CE, apresentando-a como uma experiência comum a todos os outros membros do CE e a qualquer pessoa que possa, futuramente, tornar-se membro desse Conselho.

Em toda a entrevista, há elementos lingüísticos que remetem a tempo passado. Alguns marcam a cronologia de maneira explícita, outros são caracterizados pela presença de adjuntos adverbiais de tempo.

O terceiro entrevistado, ROS, inicia a resposta fazendo referência ao tempo e situa-se como pessoa nesse tempo utilizando o pronome pessoal *eu*. O fragmento a seguir apresenta o início da entrevista.

Fragmento 5

até o momento eu tive apenas uma reunião... até agora né? com o pessoal da comissão né? (...) i:: eu tô achando assim éh

interessante né? porque tem qui trazê matérias novas né? i a gente vai procurá... (...) i eu acho qui isso é importante...

Diferenciando-se dos entrevistados anteriores, ROS demonstra ainda não ter uma experiência no CE. Como está exercendo esta atividade há pouco tempo, fala de suas primeiras impressões, ainda não se constituiu como sujeito membro do CE. Este aspecto é evidenciado, por exemplo, pelo uso do gerúndio – “eu tô achando” – no fragmento anteriormente apresentado, o que equivale a dizer “estou experimentando”; ainda não se sabe com maior precisão como é.

Ainda no mesmo fragmento, o entrevistado emprega a forma pronominal indefinida *a gente* com a mesma função destacada nas entrevistas anteriores, alternando por *eu* logo em seguida. Este último elemento especifica, ou melhor, individualiza sua experiência como sujeito no CE.

A presença da cronografia integrando o discurso de ROS, contribuindo para a produção de sentidos, pode ser percebida de maneira bastante explícita.

Fragmento 6

há pouco tempo eu participei de uma reunião...
(...)
porque antes eu trabalhava no setor de transportes...
(...)
aí eu passei agora pro setor de benefícios...

Os elementos lingüísticos que indicam a cronografia aparecem, geralmente, acompanhados, ou seguidos, de elementos lingüísticos que indicam topografia.

A observação da última linha do fragmento 6 evidencia a presença da cronografia e topografia como integrantes do discurso. Inicia-se com referência à pessoa – pronome de primeira pessoa *eu* –; segue-se com indicação do tempo em que esse sujeito entrevistado passou a fazer parte do CE – *agora*, momento presente –; e, finalmente, a indicação de lugar:

setor de benefícios. Nesse momento, encontram-se considerações pragmáticas que situam o enunciador no grupo social.

Este situar-se pragmaticamente pelo discurso dá-se pela indicação de tempo e espaço específicos. O espaço não é apenas físico, evidenciam-se também a existência de um espaço social do sujeito em observação.

O *status* de ROS como membro do CE, a partir da evidência do espaço social e do tempo na história ocupados, faz-se presente sob dois aspectos: primeiro como participante de um grupo; deve, portanto, representar o *status* atribuído ao grupo; segundo, como um sujeito específico dentro do grupo. O fragmento a seguir ilustra estes dois aspectos no discurso.

Fragmento 7

não a primeira reunião que eu tive né? nós temos qui ter uma preparação no caso eu falo com o pessoal lá do setor de benefícios né? qui é a Maria né?(...)

Destacam-se, respectivamente, o emprego do pronome pessoal *eu* para o segundo aspecto e o emprego do pronome pessoal *nós* para ilustrar o primeiro. Há um grupo constituído por sujeitos que partilham uma atividade comum, sendo que cada um dos sujeitos que constituem o grupo possui peculiaridades próprias.

Para encerrar a análise, observe-se, no discurso de ELI, certa diferenciação dos demais por não fazer uso de formas indefinidas, de caráter generalizante, como *a gente*, *nós*, *você*. ELI emprega apenas o pronome pessoal *eu* para fazer referência à pessoa. Isto demonstra que o enunciador volta-se especificamente para a explicitação de sua experiência como sujeito integrante do CE.

Fragmento 8

ah:: então eu comecei a participar do comitê trabalhava na área de produção... né? eu era coordenadora de estatística... ahn... eu tinha na época eu tinha um espaço quase que mensal dentro do jornalzinho então pra falá dessa técnica né?

(...)

eu me mantive no comitê porque hoje eu eu trabalho com a coordenação do programas de qualidade e produtividade né?

No tocante à topografia e à cronografia, não se diferencia das entrevistas anteriormente analisadas. Esse entrevistado, como os demais, constituiu-se como sujeito membro do CE na e pela interação com outros sujeitos na empresa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos discursos de todos os entrevistados, com exceção de ELI que utiliza apenas a primeira pessoa *eu*, há a alternância entre o uso desse pronome pessoal e o indefinido *a gente* ao fazer referência à pessoa. O primeiro exerce a função de especificar um sujeito entre os demais; o segundo, de caráter universal, refere-se ao sujeito como membro do grupo sem especificá-lo. Em comum, encontra-se também a interação entre os sujeitos do CE do *house organ* com outros sujeitos na empresa. É pela interação que se constituem como sujeitos membros do CE.

Ao falarem sobre as próprias experiências na empresa, os entrevistados remetem-se a lugares e tempos presentes e passados. Reside na ocupação de diferentes lugares físico-sociais em diversificados momentos históricos a presença da cronografia e da topografia integrando o discurso, ao que Maingueneau denomina *cenografia discursiva*.

A observação da topografia e da cronografia como partes integrantes e não realidades exteriores ao discurso aponta também a constituição de sujeitos sociais e discursivos pela interação estabelecida em diferentes espaços na transposição do tempo.

Nessa perspectiva, ressaltou-se a constituição de cada um dos sujeitos como tal, já que é no presente da enunciação que o sujeito se manifesta. Têm-se, assim, dados empíricos que são enunciados, lugares

e tempos que, ao mesmo tempo que antecedem o momento e o lugar presentes da enunciação, são partes integrantes do discurso na produção de sentidos.

A análise possibilita mencionar, ainda, a heterogeneidade constitutiva dos sujeitos sociais e discursivos, bem como do discurso, uma vez que a observação do discurso desses sujeitos, em retrospectiva, evidenciou um percurso interacional por diferentes espaços físico-sociais em diferentes momentos históricos.

ABSTRACT

In this research, according to Maingueneau (1993, 1995), a discourse scenography analysis was done in the interviewee discourse. This analysis was based on deictic elements observation that were employed in interviews which happened in June 1996, in a multinational company located in São Paulo state.

Observing the discourse scenography, it was stressed the constitution of the subject, as it is at the moment of the enunciation that the subject, composed by an interaction process, reveals. Thus, it is pointed out the empirical data such as statements, places and moments which integrate the discourse on the production of senses.

KEY WORDS: Deictics, interviews, discourse analysis.

NOTAS

1. Esta entrevista integra uma pesquisa conduzida pela professora Maria Cecília Pérez de Souza e Silva do Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
2. Goffman (1995) denomina “fachada social” o *status* de um sujeito sem especificá-lo em seu grupo social e denomina “fachada pessoal” o que individualiza um sujeito em seu grupo. Assim, quando LUC faz uso do pronome “eu”, refere-se à fachada pessoal, já com o emprego de “a gente” refere-se à fachada social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro. *Defesa da face: recusa da resposta, o controle da informação numa situação de ameaça*. In: ENCONTRO DAS UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 7. Rio de Janeiro: UFRJ, abr. 1997.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *O coronel e o lobisomem: uma abordagem sócio-interacional*. São Paulo: AnnaBlume, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- _____. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.